

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 3 DE ABRIL DE 1886

VOL. II-N. 66.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias....	FILINDAL.
1802.....	E. RENAN.
Casos patiscos.....	FISCHIO.
Carnaval da Historia.....	P. VÉRON.
Versos num album.....	H. MAGALHÃES.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Dois mundos.....	A. MENDES.
Theatros.....	P. TALMA.
A cantora Julieta Rey...	J. DE ARAÚJO.
Factos e Noticias.....	
O clinif.....	BARÃO RECIAME.
Correio.....	ENRICO.
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

G. CABRAL

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A redacção, gerencia e officina d'A SEMANA mudarão-se para a rua do Carmo n. 36.

Assumio a gerencia d'esta folha o Sr. Guilherme Cabral, passando a occupar-se exclusivamente da redacção o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

Aos nossos numerosos assignantes do interior que tomaram assignatura por todo este anno pedimos desculpa de lhes não havermos remettido o n. 54, por ter-se esgotado a edição d'esse numero.

Mas essa falta será remediada, pois tencionamos reimprimil-o o mais breve possivel, enviando-o a todos os assignantes d'este anno que o não tenham recebido e aos novos que desejem ter a collecção completa.

Partio no dia 1 para Santos, de onde seguirei para a capital e d'all para diversos pontos do interior da provincia de S. Paulo, o nosso companheiro Leonel Guerra.

O Sr. Leonel vai encarregado de tratar de todos os negocios d'«A Semana» naquella provincia, onde procurara dilatar a circulação e firmar as sympathias de que a nossa folha ja, felizmente, ali goza.

Compram-se exemplares dos ns. 54, 55 e 56 d'«A Semana».

Com o proximo numero começaremos a publicar uma secção especialmente dedicada ás senhoras, em que uma applaudida escriptora, de raro talento, tratará de modas, *menage*, *soirées* de todo quanto interesse ás nossas amáveis e — sem modestia — numerosas leitoras.

Pagar-nos-ão estas de sobra o mimo que lhes preparamos recommendando *A Semana* a todas as suas amigas.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Com a mudança benéfica da temperatura descreceu o furor assassino da febre amarella e diminuiu o numero dos nosquitos, que nos ultimos tempos sugavam com despiédosa inclemencia o sangue generoso do carioca.

Dois bens emanados de uma só causa, é facto registravel para a chronica.

Evidentemente, do que a nossa cidade mais necessita é de um rigoroso serviço de hygiene, materia para a qual tem olhado com desvellada attenção o Sr. Ministro do Imperio. Comtudo, e apesar d'isso, como os esforços tendentes a melhorar a salubridade da capital nada podem conseguir no sentido de melhorar igualmente a temperatura abrasadora do verão, bom seria aproveitar a boa vontade do Sr. Barão de Mamoré para o fim de, por uma vez, se tratar definitivamente do arrasamento, ha tantos annos projectado, dos morros do Castello e de Sauto Antonio, o que, sem duvida, muitissimo contribuiria

para tornar a cidade mais ventilada, mais arejada, e, por consequencia, mais salubre. Infelizmente, ainda na semana passada, foi cremos que rescindido o contracto celebrado entre o governo e o Sr. Fernandes Pinheiro para o arrasamento do primeiro d'aquelles morros, onde agora a impercível exploração do fanatismo religioso intenta construir uma gruta para a celebração da indecorosa boneca de Lourdes, com fim de restabelecer naquella montanha da ignorancia as antigas e quasi extinctas procissões de idiotas fanatizados.

Ora se o morro, de pé, hade servir para depauperar a saude do espirito, melhor será que, arrasado, sirva para retemperar a saude do corpo.

Comquanto seja dos ultimos dias, cabe o primeiro logar da chronica á louvavel resolução da camara municipal, tomada em sessão do dia 1º do corrente:

« Crear um imposto de 2:000\$ sobre cada escravo que entrar para o municipio neutro, excepção feita dos que vierem por motivos de successão directa necessaria;

« Convidar a todos os cidadãos brasileiros e aos estrangeiros residentes na Côrte e seu municipio para se esforcarem com o intuito de obter o maior numero possivel de libertações por generosidade dos senhores e iniciativa particular;»

« Solicitar do governo imperial e do poder legislativo a approvação das medidas tendentes a realizar no menor lapso de tempo possivel a libertação dos escravos do municipio neutro;

« Solicitar o generoso concurso da imprensa e das corporações sitas no municipio.

« O regulamento para a cobrança do imposto sobre os escravos que derem entrada no municipio será organizado pela camara e sujeito á approvação do poder competente.»

Não temos senão louvores para esta utilissima resolução da camara, que as camaras provinciaes deveriam imitar, pois que assim prestariam assignado serviço á causa sancta da abolição dos escravos.

No dia 30 do passado devia ter sido aberta em todo o imperio a nova matricula de escravos e o arrolamento especial dos libertos que houverem adquirido esta condição pelo facto de terem attingido á idade de 60 annos. Tanto a matricula como o arrolamento serão encerrados em 30 de Março de 1887:

Publicando a tabella da depreciação annual do valor dos escravos, faz o *Jornal* de 31 judiciosas considerações acerca da data em que deve principiar a contar-se a depreciação, que o *Jornal*, com boa razão, entende que deve principiar desde já. O artigo termina por estas palavras, ás quaes damos sinceramente os nossos melhores applausos:

« As questões relativas ao estaod servil interessam a um milhão de homens, e ao que ha mais sagrado para

o homem—o direito ou a esperança da liberdade, abreviar ou retardar o advento d'este direito ou a realização d'esta esperança, é incontestavelmente objecto de alta importância.»

Não somos nada neste mundo. Já nem nos vale o talento, a illustração, a bondade, o caracter!

Até o Sr. Dr. Paulo de Frontin, um moço que reúne enfiadas todas aquellas qualidades, até elle foi victimado por uma manifestação por parte dos seus discipulos que neste anno completaram o curso da Escola Polytechnica. Foi no sabbado passado... e servio de theatro ao crime o salão do Derby-Club. Os jornaes não assignalam o numero dos *malfeitores*, mas narram a scena commoedora, que se passou mais ou menos assim:

O Dr. Frontin preparára um *lunch*, ou «um profuso copo de cerveja», como ainda ha pouco disse uma folha de *Campinas*. *Elles* appareceram como por encanto, e, depois de haverem espetado dentro da orelha inerme da victima um discurso acerado e erriçado de adjectivos, enfiaram-lhe no *idex* um *anginho*... perdão!—um *annel* de engenheiro, barbaramente cravejado de brilhantes!

O Dr. Frontin, felizmente, reagio, e, num supremo esforço, botou-lhes tambem um discurso que os arrasou.

Circumstancia tocante:

Não houve retrato a oleo.

Emfim, como não houve retrato a oleo e ninguem succumbio na refrega, nós abraçamos d'aqui cordialmente o illustre Dr. Frontin e os seus distinctos discipulos de 1885.

Levantou-se um emprestimo interno.

O Sr. ministro da fazenda mandou abrir uma subscrição publica, no Banco do Brazil, para um emprestimo ao Thezouro Nacional, da quantia de cincoenta mil contos nominaes, em apolices de um conto de réis e de quinhentos mil réis, vencendo o juro de 5% ao anno, pago semestralmente, a contar de 1 de Janeiro ultimo.

Esta cobreira, com os seis milhões de libras do ultimo emprestimo externo, fazia-me cá um arranjo... mesmo sem os seis milhões de libras... ainda que não fossem os 50 mil, mas só os 50 contos... Emfim, sejamos rasoaveis e magnanimos—até os 50 mil réis me serviam cá para certas coisas.

Se o Banco do Brazil quizer ser um bonito rapaz e se prestar a abrir tambem, em meu favor, um emprestimosinho de cincoenta mil réis, em apolices de 10000 réis e 500 réis por cabeça, a 5%, a contar de 1 de Janeiro até... até quando quizer—pôde contar com um amigo para a vida e para a morte.

Eu cá sou assim; amigo do meu amigo como seiscentos diabos.

FILINDAL

1802

“A proposito,” declamado na scena da Comedia Franceza em 26 de Fevereiro de 1886, 84° anniversario do nascimento de Victor Hugo.

DIALOGO DOS MORTOS!

A scena passa-se no bosque de Campos Elyseos, reservado ás sombras immortaes da Comedia franceza. Luz doce e um pouco triste. Solo florido, prados de asphodelos. Dois bancos de marmo e antigo.

Corneille, Racine, Boileau, Voltaire, Diderot e outros. Vestem á moda do seu tempo. Todas as cores empalidecem e fundem-se

em um tom esbranquiçado, que faz parecem-se os personagens com sombras, como estatuas de marmoere vivas. Vão e vêm, dois a dois, ou em grupos, lentamente, conversando com um tom grave.

Apparece na scena um geniosinho alado:—Camillus.

Camillus, entrando, depõe sobre o banco da Esquerda alguns livros e uma especie de boletim que põe os bemaventurados ao corrente das coisas da terra.

CAMILLUS

Vão chegar os nossos grandes mortos. (*Camillus percorre rapidamente o boletim.*)

Paris, 1802... Boletim litterario: *Atala*. Boletim politico: Marengo, Hohenlinden (*Trom de artilheria ao longe*) Mesmo no paiz dos bemaventurados deseja-se ouvir os ruidos da terra. Estas immortaes sombras da Comedia franceza que se acostumaram a reunir-se aqui para conversar sobre as bellezas eternas, fatigar-se-iam da gloria e da paz de quê gosam, se, cada dia, por ordem do Genio supremo, eu não lhes trouxesse noticias de Paris. O que admiro nestes puros espiritos é como se transformam conservando-se sempre os mesmos. Os seculos os engrandecem, os tranquilisam e deixam-n'os, todavia, taes como foram. Eu, que os conheço, sei muito bem que elles rejuvenescem. Amam, mais do que nunca, o que amavam, e, no entanto, cada vez mais se alarga o horizonte dos seus pensamentos. Chamam aquelles que devem continual-os e parecem unicamente preocupados pelo futuro. Quem sabe se os votos e os presentimentos dos genios não créam a realidade?

Affasta-se. Voltaire e Diderot entram e passeiam no 2º plano. Voltaire detem-se junto dos livros deixados no banco da Esquerda e folheia um d'elles, sorrindo. Corneille e Racine entram ao mesmo tempo e sentam-se no banco da Direita.

RACINE

Sim, admiro esta nova geração e creio que esquecerei os excessos de ha dez annos, caro Corneille, em lembrança dos heroes de hoje. Hei de amar este seculo recém-nato, sahido do sangue e das lagrimas, e que um Deus ignoto dirige talvez. Dizei-me, porém, grande sombra querida, não reparastes ainda em uma cousa? O seculo já tem dois annos e, no entanto, os seus destinos litterarios são ainda obscuros. A vida, o calor, a luz parece haverem desertado da lingoo que nós amamos. Não vos amedronta esta esterilidade?

(*Ouve-se novo trom e o canto:*

Eia, avante, marchemos!
As montanhas passemos,
Corramos á victoria!)

CORNEILLE

Oh, não, caro Racine; não, alma doce e gentil. Este ruido é para mim um bom e seguro presagio. Minha velha familiaridade com os heroes enche-me de esperança. Os grandes seculos produzem sempre poetas dignos d'elles. A aureola da Poesia e a aureola da Gloria compoem-se dos mesmos raios. Jamais houve em nossa querida França uma victoria sem genio que a cantasse. E' grande a minha expectativa. (*Redobra o ruido dos tiros*) Oh, como isto é de bom agouro! Sinto que é preciso um novo poeta. E' grandioso o que se está passando, e parece-me que os poetas nascidos nesta borrasca liaõ de ter peitos de ferro e vozes de bronze. Os heroes são nossos confrades: um verso sublime é, na ordem da harmonia, o que é uma grande audacia no terrivel jogo das batalhas. Em que insipidez cahio a nossa arte! Quebrou-se a velha lyra! Nosso

verso, em que se repercutiam mil trovões, é hoje uma triste matraca de som aspero, secco e duro. Para este seculo nascido ha pouco eu quero um poeta sonoro, que saiba exprimir a queixa immensa da Terra subindo para o Infinito. Quero ouvir em seus bellos versos o echo dos ruidos que cercaram o seu berço, as fulgurações electricas do raio misturando-se com os profundos rugidos do vulcão, o zumbido de *Nôtre Dame*, acompanhado do canhão, da trombeta e do tambor.

RACINE

Tambem eu peço a alma, caro Corneille. O poeta que deseja grande e sonoro, quero-o eu terno e bom. Quero que elle saiba dizer-nos o que ha nas lagrimas e nas preces de uma mulher. Outr'ora, quando Mlle. de Champmeslé chorava por mim, eu commovia-me demasiado para poder analysar as suas lagrimas. Amo mais do que nunca a minha Bérenice; creio que bastem os sentimentos simples e grandes, mas admitto todas as variações no eterno duo do amor. Os thezouros de encanto, de doçura, de bondade, de ternura que existem no coração feminino, são minas de ouro inexgotaveis. Oh! quem poderá sondar novamente esse abysmo? Quem poderá traduzir a amante, a donzella, a esposa, a mãe? Quem porá mão, segura e tremula a um tempo, sobre estes mysterios, em que dorme o segredo de toda a sabedoria? Faço votos por um poeta de coração; devam embora os seus cantos ser diversos, quanto se queira, dos meus. Não me julgues insensível ás lutas dos gigantes que se disputam a sorte do mundo. Mas não quero uma França de alma ressequida. Quero que o coração e a imaginação tenham a sua desforra. Saúdo o dia em que deva reabrir-se a fonte das lagrimas! (*Durante estas ultimas palavras Boileau aproxima-se*) Ah, eis Boileau. E' elle quem reina presentemente, ao que se diz. Elle, pelo menos, deve estar contente.

BOILEAU

Contente! Contente dos que me trahem, dos que falseiam a minha doutrina, dos que me não comprehendem bem. Tua alma virginal, caro Racine, é a unica capaz de taes illusões. E' realmente triste a sorte de nós outros immortaes. Temos o ar de dizer eternamente o que dissemos para um passageiro momento. Muda o mundo e os nossos livros não mudam! Ha quem pretenda continuar-nos e ser para nós mais do que somos nós mesmos! Fazem com os nossos escriptos a guerra ao que amamos. Acontece muitas vezes serem os que nos combatem aquelles mesmos que sustentariamos se nos fosse dado voltar á terra dos vivos.

(*Voltaire e Diderot cessam de passear neste momento.*)

VOLTAIRE

Parece-me, Diderot, que Boileau está prophetisando... Ouçamos.

BOILEAU

Sim, é singular a nossa condição, de nós—mortos. Vemos perfeitamente o que teriamos de mudar em nossas obras se revivessemos. Uma porção de cousas que acreditavamos impossiveis—realisam-se. Quizeramos juntar uma atenuação, corrigir um asserto. Eu tive razão no meu tempo, sim, tive razão: reconheço-o; mas seculo e meio mudam tanta cousa! O campo do espirito, tal como eu julgava vel-o de meu jardim d'Auteuil, era um vergel; hoje é o mundo inteiro, com suas montanhas,

seus rios e suas florestas. Que de traços não teria a acrescentar! Que de pontos a precisar! que de vistas a ampliar!

VOLTAIRE.

E eu então! Pobres mortos, condemnados ao silencio, assistimos á nossa anatomia sem podermos protestar!

BOILEAU

Sobretudo, sem podermos dar explicações, caro Voltaire. Eu quizera que o morto submettido á dissecação pudesse falar. Quando vejo o que em meu nome tem sido feito, estou com aquelles mesmos que vão combater-me. O que contra mim se vae dizer, dil-o-ia eu proprio e ainda com mais força. Eu o sonho, eu o chamo com os meus votos a esse poeta, alto como os Alpes, largo como o Oceano, cuja alma seja o teclado do Universo, o vasto eymballo em que tndo retina. Quando soar esse clarim do pensamento, quando uma nova escola, decuplando o campo da poesia, souber illuminar com o mesmo raio o homem e a natureza, oh! acreditae que então sacrificarei contente o *Mont-Adule* e os seus canhões. O mal que de mim se disser, desde já o perdoo. A immortalidade torna indulgente. Nesta grande paz que nos cerca somos indifferentes aos epigrammas; não é assim?

(Sorriso de assentimento em todos os immortaes.)

VOLTAIRE

Bravo, Nicolau. Nicolau tem sempre razão. Vou preparar-me para curiosas conversões litterarias. Não tem limites a minha boa vontade. Sabeis o que neste momento se publica em Paris? (*Toma o volume de sobre o banco.*) Escutae, escutae... (*Lê alto:*) «*Atala, ou os amores de dois solvagens no deserto*» (*Ri-se*) O amor com o deserto para embelezal-o! Oh! que idéia!

(As sombras mostram grande curiosidade e passam o volume umas ás outras.)

RACINE

O amor é bom em toda parte. Lerei este livro com delicia. E talvez a balbuciação de uma escola, que ha de encontrar um forma nova para o sentimento e a paixão. Quando eu era moço sabia de cor *Thaïs* e *Chariclée*.

VOLTAIRE

Quantas surpresas se me preparam! Estou para tudo apparelhado. Estes dois jovens selvagens parecem-me presagiar mais de uma temeridade. Os Campos Elyseos fizeram-nos tolerantes, a todos nos. Ouvirei com deferencia paradoxos que outr'ora teriam excitado a minha bilis. Não gracejemos muito, comtudo. A França continúa, atravez de mil eclipses, uma obra de razão e direito que importa ao mundo inteiro. A essa obra estamos todos subordinados. Fora o genio que não serve ao progresso da razão e da humanidade! Não permitto ao poeta que tambem eu evoco separar sua causa da causa da justiça e do povo; quero que a sirva. Fiz mais no meu tempo do que Luthero e Calvino. Que elle faça mais do que eu, e, se viver como eu oitenta annos, sejam seus cabellos brancos tão gloriosos como os meus. A sympathia é um dos signaes da Verdade e um dos dons da França. O meu poeta deixará para outros o deslem do profano vulgar. E preciso que o amem; que d'um ponto a outro do mundo, se interessem por tudo quanto elle pense e faça; que elle forneça a pobre humanidade aquillo de que ella

mais precisa: um objecto de admiração e respeito. Quero que os seus funeraes sejam um signal dos tempos, que a sua apothose seja a obra das multidões. Elle começará por amaldiçoar-me. Que m'importa?! Estou certo de que ha de acabar por amar-me. A superstição e o absurdo são monstros sempre promptos a empolgar a humanidade enquanto dorme. São precisos guardas escolhidos, sempre vigilantes. Não é, Diderot?

DIDEROT

Sim, grande mestre; nós tivemos razão. Eu amava a verdade até a febre; a grande paz d'estes legares acalmou-me. As nossas faltas foram as da idade de ferro que atravessámos. Eu entrevi admiraveis desforras para o espirito. O que é claro é que se está preparando um século singular. Como hei de amal-o! Não sei se vingará todas as suas ambições, mas sou pelos ousados. Audaciosos de toda especie que heis de encher o seculo nascente, saído-vos! Do retinir das vossas afoitezas prevejo saltarem mil verdades. Como nos vae ser agradável contemplar do seio de nossa paz essas grandes lutas! Somos nós que agiremos nesse mundo; elle viverá de nós e per nós. Se se cumprissem os nossos votos, vejo quatro poetas que illuminariam este novo seculo com raios muito diversos:—o «poeta sublime» que deseja Corneille, o «poeta da piedade» que pede Racine, o «genio largo e profundo» que sonha Despréaux, o «patriarcha, amigo dos homens» que imagina Voltaire. Quatro poetas de primeira ordem num seculo! E' muito.

RACINE

Não ha limites para os milagres do espirito. Os destinos da terra são talvez regidos pelos desejos do Céu. (*Camillus entra apressado.*)

CAMILLUS

O Genio supremo ouviu o que dissestes e a todos quatro attendeu. O dia de hoje será um dia de festa para a França, um dia em que ella saudará uma alta imagem e deporá coróas sobre uma larga fronte. Appareceu-me um nome luminoso. Um só nome! Os vossos quatro poetas estão confundidos em um só genio, que será—grande, tocante, vasto e bom. (*Espanto geral.*)

Neste momento as nuvens que cobrem o fundo da senea dissipam-se e deixam ver o busto de Victor Hugo, cereado por todas as sombras immortaes, que agitam palmas em torno de sua cabeça.

BOILEAU

Tudo o que faz o Genio supremo é bem feito.

DIDEROT

Oh! que bellas tempestades as que vão rugir sob esse craneo! Que festas da intelligencia em preparação! Ahi tem o seculo com que alegrar toda a existencia!

CORNEILLE, a Racine

Bem vos dizia eu, querido irmão em harmonia, que esta geração teria o seu poeta e que ha no mundo uma fonte inexgotavel de amor, de força e de genio:—a França!...

As sombras bemaventuradas desfilam, dando signaes de contentamento, ao som da artilheria e do zumbir de *Notre Dame*. Ouvem-se, ao longe, as trombetas que soam:

«E' nossa a victoria!»

ERNESTO RENAN

Traducción de Valentim Magalhães

CASOS PATUSCOS

Deram-se os vivos competentes, na fórma do costume, e, presentes suas magestades, suas altezas, suas excellencias e suas senhorias, distribuiram-se os premios, botou-se discurso, giraram-se walsas, entrancharam-se quadrilhas—e fechou-se a exposição agricola e horticola de Petropolis.

Isto diz, com pompas de rhetorica o *Diario de Noticias*, que está ficando quasi tão patusco como a extincta *Folha Nova*, e dil-o resumidamente o *Jornal do Commercio*. O *Jornal* dil-o resumidamente, é verdade; mas sabe-se lá se quando o *Jornal* resume não é para mostrar melhor a pontinha do dente da sua troça? Do que foi a exposição de Petropolis como certamen de productos agricolas, como centro de emulação e como factor de progresso; o que d'ella se pode induzir em prol do adeantamento dos processos, do desenvolvimento de certas especies agricolas: o bem que ella veio fazer á nossa agricultura tão depauperada, á nossa lavoura tão mesquinha, tão deficiente, tão incompleta, tão atrasada, que nada produz com regularidade, (á excepção do café), que não experimenta nada e que nada emprehende—isso é que nenhum jornal nos diz, podemos affirmar-o, apesar de termos lido sómente as noticias do *Jornal do Commercio* e do *Diario*.

E se os jornaes nada nos dizem é porque a exposição petropolitana nada significou e nada produziu de bom, de aproveitavel, de profeno.

Ella não foi mais do que um pretexto para dois discursos do Sr. Conde d'Eu, um baile de crianças á fantasia, uma reunião familiar, como diz o espantoso correspondente do *Diario de Noticias*, e um centro de convergencia para a sociedade fluctuante e um tanto pelintra de Petropolis, da Petropolis das festas officiaes e palacianas, não da Petropolis dos bailes populares e dos ranchos de crianças vermelhas como alvoradas e loiras como as deusas do norte, das crianças que passam pela manhã, descalças mas frescas e limpas, de sacco o tiracolo—para as escolas publicas.

O *Jornal*, que sabe esconder a hypocrisia numa mascara de sinceridade, e que por esse processo capcioso e original consegue ser sincero sem o parecer—o *Jornal* deu-nos como unico commentario ao facto civilizador e democratico da exposição de Petropolis, as seguintes quatro linhas:

«Está terminada a exposição d'este anno. O maior chamariz foi uma onçatigre e um macaco, que chama para junto da gaiola muitas senhoras e até teve flores.»

Ora ahi está qual foi o maior chamariz de uma exposição agricola e horticola—um macaco!

E este patife de macaco chamava para juncto da gaiola muitas senhoras e até teve flores, segundo o testemunho insuspeito do *Jornal*.

Agora o que nós desejamos saber é de que processo se serviria o mono para chamar as senhoras. Nós jamais confiaríamos tranquillamente na discricção de um macaco. Estamos habituados a admirar nestes quadrumanos muita graça, mas sempre atravez de muita inconveniencia. Desde que a natureza negou ao nosso intelligente pae natural a faculdade da palavra, elle atirou-se ao gesto com um tal denodo e uma tal gana, que conseguiu uma certa expressão e uma grande vehemencia na manifestação dos pen-

samentos que lhe povoam o espirito on das paixões que lhe agitam a alma.

E eis tudo. Não foram os productos da horticultura e da riquissima flora de Petropolis que attrahiram as elegantes visitadoras da exposiçào. Foi uma onça-tigre e foi um macaco. Isto, como resultado pratico de uma exposiçào já é alguma coisa. E as senhoras admiravam tanto o mono que até lhe atiravam flores, como se faz aos grandes artistas nos momentos de enthusiasmo das plateas. Mas que faria este grande artista quadrumano, depois de chamar as senhoras, para lhes arrancar a sua preciosa admiração e as suas bellas flores? E' aqui que está o mysterio. E' isto o que as folhas não explicam para tranquillidade do historiador do futuro, que hade ficar com aquelle macaco atravessado na garganta, sem saber que lhe faça, ou que papel lhe dê entre as couves tronxudas e os lactiçnios petropolitano, postos em exposiçào sob a egide augusta do *cavaignac* do Sr. Conde d'Eu.

E viva o progresso!
E viva o macaco!

FISCHIO.

CARNAVAL DA HISTORIA

ELZEVIR — Joalheiro de livros.

VICTOR MANOEL — Henrique IV traduzido em italiano.

EMPEDOCLES — Se realmente este philosopho se lançou no Etna foi então elle o inventor da cremação.

EPIMENIDES — Diz a historia que elle dormira cincoenta annos seguidos em uma caverna.

De que sessão academica poderia ter elle sahido com semelhante somno?

ERARD — Piano pae.

Pena é que tivesse tantos filhos.

ESCHYLO — O creador da tragedia. Julgou com isso prestar um serviço à humanidade!

Morreu, dizem, porque uma aguia lhe quebrou uma tartaruga sobre a cabeça.

Pobre tartaruga!

ESCULAPIO — Deos da medicina. Plutão fel-o fulminar por Jupiter porque elle resuscitava um morto.

Os discipulos de Esculapio tem dado a morte a tantos vivos que Plutão deveria ter previsto esta copiosa compensação e dar-se por satisfeito.

ESOPHO — Celebre concorda a quem a posteridade tem feito assignar muitas fabulas que não lhe pertencem.

Contrafeito antes, contrafeito depois. E' demais para um só homem.

ESTHER — Uma velhaca para os orthodoxos, visto que desposou um rei divorciado.

Isto indica que a mesma pessoa pode ter apothose em nome do velho testamento e ser vilipendiada em nome do novo.

Eis o que faz respeitar-se as affirmações religiosas.

EVANGELHOS — Contos moraes.

FABRICIO — Salvou a sua patria e morreu pobre.

O contrario duas vezes de muitos guerreiros.

FARENHEIT — Inventor de um thermometro que tem tantos grãos como o vicio e a virtude reunidos.

(Continúa.)

PIERRE VERON.

VERSOS NUM ALBUM

(Á EXMA. SRA. D. ALICE LOPES)

I

P'ra que um album de menina
Se possa esmaltar de versos,

E' necessario

Que se tenha uma penna diamantina,
Que nelle entorne, como num sacrario,
Mimos diversos.

Penna-buril que, eximia, saiba
Lavar a ode sonora
Ou terna egloga que caiba
Em rubra petala de rosa;

Que o madrigal sem esforço
Buril e tenha o segredo

Das rimas cerulas,

Que descem pelo avelludado dorso

Da es' rophe, como um corrego de perolas

D'aureo penedo;

E que os alfores da orvalhada

E o odor dos cravos e baunilhas

Junte ao carnim da madrugada

E d'isto faça redondilhas.

II

Mas com penna d'esta ordem

Balda de aromas e cores

Como fazer que transbordem

D'ella nitidos sons, conchas de flores?

Fazer cousa que se leia,

Em mim, é fazer milagre;

Em falta de uma epopeia

Deixa que toscos versos te consagre.

Que eu entre, cabeça nua,—

Neste palacio encantado,

Que por palhetas de lua

E pingentes de sões vejo adornado;

Onde tange a juventude

A partitura das aves,

— Como num aureo alaúde,—

Da alegria nos crotalos suaves;

Onde walkirias doudejam,

Quando do Prazer r'idia

A gambiarra, e murmuram

Crystallinas cascatas de l'armonia;

Deixa que, triste homenagem

Nesse altar que brilha em festa

Deponha um ramo selvagem

Que não possui valor e que só presta

P'ra recordar a quem se vae, deixando

A sangrar de saudade os corações,

A quem se vae,—da patria recordando,

Um nome, como o meu, sem pretensões.

II. DE MAGALHÃES

SPORT

Estiveram bastante animadas as corridas do ultimo domingo no *Prado Villa Isabel*. Foi numerosa a concurrencia, o que era de esperar, pelo programma que incontestavelmente era excellente pelos animaes superiores que nelle foram inscriptos.

Eis o resultado:

Os 1450 metros do 1º pareo foram disputados por Sultão, Guacho, Zaire, Verbena e Didi que aproveitando-se da renhida luta entre Zairo e Sultão que era o favorito, saiu victoriosa, em 103 segundos, contra a expectativa geral. Coube o 2º lugar a Sultão. Zaire ainda d'esta vez, não quiz dar o tiro... Esperemos.

Nos 1450 metros do 2º pareo correram Africa, Pretoria, Druid e Nicoafy, que fez uma brillante carreira, percorrendo facilmente o tiro em 98 segundos, seguido por Druid.

No 3º pareo (1000 metros) dos animaes inscriptos apenas correram Plutão II e Catita, que, esbarrada a todo o instante, venceu em 74 segundos. Plutão II não quiz mostrar-se muito, pouca importancia ligou à corrida. Consta que os proprietarios são compadres...

No 4º pareo (1609 metros) saiu victorioso Talisman em 107 segundos com facilidade, demonstrando ter conservado a mesma vitalidade do anno passado. Sans-Souci, que chegou em 2º lugar, apesar de mauco, bateu Macaréu, que fez triste figura.

O 5º pareo (1800 metros) foi disputado renhidamente por Taillefer e Bolivar que até 1600 metros pareceu lutar, porém ao virar a recta de chegada, Taillefer mostou grande superioridade sobre o seu competidor, vencendo-o facilmente em 124 segundos com grandes applausos dos dilletantes. Não correu Françoise.

Correram os 1000 metros do 6º pareo Fanfaron, Dr. Janner, Madama e Maltstron que sem grande esforço venceu os seus competidores em 67 segundos. Chegou em 2º lugar Fanfaron.

No ultimo pareo (1000 metros) a corrida foi feita somente entre Aurelia e Biscaia que facilmente venceu em 68 segundos, parecendo ser um meio sangue regular. Não correu Druid.

A's 5 1/2 horas terminou o divertimento, nada deixando a desejar, tendo a boa ordem se mantido, sem que a menor irregularidade a tivesse perturbado.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby-Club*. Na verdade dá começo esta distincta sociedade à sua 1ª corrida d'este anno, apresentando-nos um programma que indubitavelmente é digno de todos os elogios, constando de sete pareos, todos elles compostos de animaes superiores e novos, demonstrando exuberantemente animação e boa vontade dos proprietarios de animaes da distincta directoria do *Derby-Club*.

Os leitores d'esta secção encontrarão na nossa ultima pagina o esplendido programma, onde poderão palpitar à vontade, o que tambem desejavamos fazer, porém devido a não querermos ficar mal e à difficuldade de acertar, não emitimos os nossos palpites. Desejamos, pois, felicidades àquelles que isso conseguirem.

L. M. BASTOS.

DOIS MUNDOS

Tão grandes e tão lindos como aquelles
Olhos que a bella tem da côr do mar,
Nunca verei, distante ou perto d'elles!
Olhos assim jamais hei de encontrar!

Quanta grandeza occulta existe nelles
Talvez! Quanto Deus soube trabalhar!
Dois mundos ali estão feitos com elles:
A luz lá está sublime a fulgurar;

Dois céos, dois sões, dois mares finalmente.
Vejo nos olhos d'ella tão somente,
Apaixonado, immerso em puro amor.

E como o insecto alado pelo espaço,
Pequeno, ás vezes junto d'elles passo,
Ouvindo d'esses mundos o rumôr.

ARTHUR MENDES.

27 de Março de 1886.

THEATROS

O PRINCIPE ZILAH

A companhia do Recreio Dramatico deu-nos no sabbado passado a primeira do *Principe Zilah*, peça em 4 actos, de Julio Claretie, afamado chronista parisiense e director da Comedia Franceza. A traducção portugueza é do Sr. Luiz de Castro Junior.

O *Principe Zilah* não tem nenhuma novidade theatral, condimento que sempre se espera das modernas peças francezas; nenhuma theoria nova, nenhuma these imprevisita, nenhum arrojo de acção, nenhum paradoxo de moral social. O entrecho, além de velho e unito tractado em theatro, confunde-se repetidas vezes com o da *Fernanda*, de Sardou e com o da *Denise*, de Dumas filho. A logica da acção é sacrificada ás necessidades do desenvolvimento um tanto absurdo do drama, as situações são, em geral, falsas, e os personagens velhos. Entretanto a peça agradou em Paris. Porque? Naturalmente porque é uma peça parisiense, porque está escripta com a elegancia, a correcção e o espirito dos incomparaveis chronistas francezes. Ora são exactamente estas qualidades as que se não podem apreciar na detestavel traducção do Sr. Luiz de Castro Junior. O espectador curioso que quizer perceber alguns dos finissimos requintes de linguagem, tem de se dar ao penoso trabalho de retraduzir a peça para francez, adivinhando, por uma singular gymnastica de espirito, como estará escripta na lingua do original a phrase que em portuguez, no portuguez arbitrario e archi-novo do Sr. Castro Junior, não consegue comprehender.

Perdidos, pois, os elementos de successo e de agrado do drama, intrinsicamente, no desenvolvimento da sua acção tão simples, complicada apenas pelo absurdo das situações, e pela falsidade dos caracteres insustentaveis dos seus personagens, restaria para prender o espectador—um desempenho irreprehensivel. Não o teve *O Principe Zilah*.

Devemos, comtudo, exceptnar do descalabro geral a Sra. Helena Cavalier, que deu muito relevo ao papel de Marsa—a cigana, representando-o com distincção e uma certa originalidade, e vestindo-se com esmerada elegancia, luxo e bom gosto.

É este de certo um dos papeis que mais se compadecem com a sua indole artistica, e a que ella, se um dia for melhor secundada, poderá ainda dar mais realce e mais desenvolvimento.

Dias Braga não tem no principe Zilah um dos seus melhores papeis; não conseguiu dar ao seu estranho personagem o ar aventureiro e guerreiro, um tanto amoroso e um tanto heroico, que o auctor quiz que fosse o idolo de um povo e o symbolo de uma raça.

O actor Maia, cujas aptidões muito se têm desenvolvido neste theatro, conseguiu fazer com uma certa discrição o sympathico papel do Conde Varhely. Todavia é bom dizer-se que este papel está inteiramente fora da sua indole, e que mal se comprehende, mesmo nos artistas de excepcional talento, que se faça em uma noite o tio vegete das *Tres mulheres*, em outra o laçao das *Ruinias do castello negro* e se vá depois representar com distincção Thouvenin ou Varhel.

Agradou o Sr. Rangel na parte de velho general. Impossivel o Sr. Lisboa na de Miguel Menko. Detestavel e insupportavel a Sra. Balbina na da Marquiza, que é uma personagem genuina-

mente parisiense e que ella fez parecer uma das nossas burguezas mais chatas da Praia Formosa.

Os outros papeis não têm importancia, o que equivale a dizer que não foram compromettidos.

Os *Milayres de Santo Antonio* tem causado um verdadeiro furor de entusiasmo á platêa da Phenix Dramatica.

O publico que tem accorrido a ver a famosa oratoria de Braz Martins é tanto, que a empresa vae comprar o prelio visinho para mandar alargar o theatro.

Chegou da Europa o intelligente empresario Celestino da Silva, que traz um bandão de novidades theatraes. No dia 9 de Maio deve chegar a companhia Furtado Coelho, que estreará com o *Demi-monde*; em seguida virá tambem a celebre companhia do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Ambas estas companhias são trazidas pelo benemerito Celestino associado ao famoso Braga Junior.

Realizar-se-á no dia 16 do corrente o beneficio do talentoso—tão talentoso quanto applicado e modesto—artista Phebo, com a *Mulher-Homem*, em que tem um papel que muitos e merecidos applausos lhe tem valido.

O ultimo acontecimento theatral de que nos falam os jornaes francezes é—1892, o curto «a proposito», escripto por E. Renan, a pedido de J. Claretie, o administrador da Comedia Franceza, para festejar a 25 de fevereiro ultimo o anniversario natalicio de V. Hugo. Até hoje sogosavam da honra d'essas festas sollemnes Molière, Racine e Corneille. V. Hugo foi, pois, mais feliz do que Voltaire, Beaumarchais, Marivaux e Musset, que ainda, com grande injustiça e ingrato esquecimento, não tiveram aquellas commemorações annuaes. Tendo-se excusado Leconte de Lisle, o novo academico, de escrever o elogio de V. Hugo, com o pretexto de ser candidato ao seu *fautouil*, recorreu Claretie a Renan. O autor da *Vida de Jesus* é um prosador insigne, um historiador, um critico eminente, um sabio profundo e um profundo philologo, mas não auctor dramatico. Elle proprio o confessou sinceramente. D'ahi não ter o seu elogio dialogado as condições precisas para agradar *theatralmente*. É uma pequena peça litteraria de fino lavor, propria para ler-se.

Proporcionamos hoje esse raro e delicado regalo aos nossos leitores, publicando-a.

Nem o talento, o prestigio e a proficiencia dos interpretes gloriosos de 1892 os Srs. Got, Febyre, Worms e Mmes. Reichenberg e Barbet puderam dar-lhe vida, calor, brilhantismo. Por isso a platêa escutou-o respeitosa mas reservadamente, sem enthusiasmo e um tanto decepcionada.

Mas isso nada depõe contra o seu valor litterario. É uma pagina digna de seu assumpto, cuja leitura *A Semana* offerece na certeza de que hão de agradecer-lha os leitores.

Obteve regular successo nos concertos no Chatelet *Rubezahl* legenda symphodica, musica de Georges Hue, poema de Gastou Cerfber e C. de l'Eglise. Um critico musical abalizado, Ely-Edmond Grimard diz que *Rubezahl* revela grande sciencia de architectar accordes mas que são rari nantes as idéas naquelle tempestuoso *mare magnum* de harmonias.

A CANTORA JULIETA REY (*)

A tua doce voz, vibrante de harmonia,
E cheia de meiguice,
Faria Deus no céu sorrir com bonhonia,
Se um anjo a possuísse.

Porque então junto a si, o bom Deus sentiria
Numa mesma canção
O aroma dos jasmíns, a voz da cotovia
E o humano coração.

E elle que é paternal, elle o sabio profundo,
Em intimo prazer,
Veria palpar tudo que encerra o mundo
Numa voz de mulher.

A um sorriso de Deus, pelos immaculados
Astros, á tua voz
Brilharia um clarão... Mas nós—desventurados!—
O que faremos nós?...

Porto, 1886.

JOAQUIM DE ARAUJO

(*) Os versos que vão ler-se são pela primeira vez publicados com o nome do auctor, que a peido do seu amigo visconde de Pereira Machado os improvisou para o beneficio da grande cantora Julieta Rey uma hora antes do espectáculo começar.

FACTOS E NOTICIAS

Partio no dia 1º para Campinas, onde vae assumir a redacção e administração do *Diario de Campinas*, o nosso estimado collaborador Jose Felipe Pestana, a quem a nossa folha deve involvidaveis serviços, que, com o abraço da despedida cordialmente agradecemos.

O Sr. Pestana, tento de fixar residencia naquella cidade, levou consigo sua Exma. familia.

Desejamos-lhe todas as felicidades de que o seu bello caracter e a sua lucida intelligencia o tornam digno.

O excellente e brilhante *Diario Mercantil* de S. Paulo, á imitação do que uzam muitos jornaes da Europa, resolveu dedicar exclusivamente a litteratura a primeira pagina dos seus numeros do domingo.

Começou no domingo passado este melhoramento. Os artigos são de Bulhão Pato e Jeanne Thida e as poesias são de Richepin, Luiz Delfino, Raymundo Corrêa e Gaspar da Silva.

Damos parabens ao publico de S. Paulo por ter um jornal que, como o *Diario Mercantil*, sabe servir a todos os seus interesses materiaes, moraes e espirituaes.

Partio para Lisboa, com dest.no, á ligação brazileira de que é secretario o nosso illustre poeta Luiz Guimarães Junior.

Deve ir contente com os seus amigos o mavioso cantor dos *Sonetos e Rimas*, taes foram as merecidas provas de apreço, de sympathia e de consideração que recebeu em sua patria.

Silva Pinto, o energico e affeito polemista portuguez, acaba de publicar no Porto o *Terceiro livro de combates e criticas* (1874).

Occupar-nos-emos d'elle proxima-

LYCEO DO ENGENHO VELHO

Este benemérito estabelecimento effectuou no ultimo sabbado a festa da distribuição dos premios aos seus alumnos. Depois de uma brilhante allocução lida pelo distincto presidente o Sr. Comendador Antonio Arnaldo Vieira da Costa, este cavalheiro passou a presidencia da reunião ao Rev. padre Escaliger Maravilha, da redacção do *Apostolo*, que distribuiu os premios pelos alumnos recitando a cada um uma maxima ou sentença moral adequada. Em seguida a Exma. Sra. D. Adelina Vieira, nossa distincta collaboradora, recitou uma poesia com aquelle encanto e graça que a tornam a nossa mais notavel recitadora. Recitaram tambem poesias os Srs. Olavo Bilac e Oscar Rosas.

FALLECIMENTOS

Falleceu na tarde de terça-feira, apcz longos e dolorosos soffrimentos, o estimado actor Mauro de Bellido, um bello talenteo rapaz que fez parte de varias companhias dramaticas, representando sempre cuidadosamente os seus papeis e muitas vezes com apreciavel distincção e talento.

O actor Mauro era um actor estimadissimo pelas suas grandes qualidades de cavalheiro probo e digno.

Deixa em sérios embaraços sua viúva e filhos, a quem enviamos as nossas condolencias.

No dia 31 do passado falleceu o conselheiro José Norberto dos Santos, desembargador da Relação da Corte.

Era nascido na freguezia de Campo Grande e contava 75 annos. Era muito estimado pelas suas excellentes qualidades e como juiz sempre fóra muito considerado e respeitado.

No Rio Grande do Sul falleceu o illustre deputado obolicionista Dr. Severino Ribeiro.

Está de luto a illustre familia do Sr. Conselheiro Affonso Celso. Falleceu hontem um filho de S. Ex. o estudante do sexto anno medico, João Affonso de Toledo Figueiredo.

A toda a familia do mallogrado moço e especialmente ao nosso estimado collaborador Dr. Affonso Celso Junior as nossas profundas condolencias.

Falleceram tambem o Dr. Miranda Castro, a baroneza de Paquetá.

O ELIXIR

Acabavam de soar 8 horas da noite, quando Ernesto, atirando o ultimo beijo á sua adorada Alzira, que o viera acompanhar á porta, sahio d'aquelle modesto chalet que era para elle um ninho encantado.

Havia já um anno que este mancebo —aima entrajada pelas louçanias da chimera— deparara, em uma festividade religiosa, com um par de luminosas estrellas que, exiladas do Firmamento, tiubam vindo servir de adorno ao rosto radiante de juvenildade e de

graça de uma dama, que outra não era senão aquella Alzira, que o viera trazer á porta e que era, então, sua noiva.

D'ali por bem pouco deveriam estar casados.

Os paes de Alzira estavam satisfeitos.

No dia seguinte ao da visita á Beatriz dos seus sonhos de Dante em miniatura, Ernesto tencionava partir para o interior, afim de entender-se com seus paes acerca do seu casamento.

Afinal chegou o momento fatal! Mas, como partir, aquelle pobre enamorado, sem beijar mais uma vez as nácara das faces da sua querida?!

Ao pensar nisto, sentia a ponta aguda da saudade vibrar-lhe nos refohos do coração, como se fosse o gume frio de uma adaga.

Revestio-se, porém, de coragem e... partio; mas, com tanta infelicidade que, apenas chegado ao lar, enfermou de uma febre palustre que o prendeu ao leito durante mezes. Restabelecido, volta a ver a dama dos seus scismares.

Dirige-se a sua casa. Mas antes de aportar á Chanaan dos amores, antes de penetrar na doira da redoma, onde, —exuberante de seiva,— enchia-lhe os olhos de delicias divinas aquella esplendida tulipa animada, que elle idolatrava com toda a sua alma; ao passar em frente á Igreja de S. Francisco, que vê aberta e illuminada sem saber porque, entra.

Protedia-se ao ceremonial de um casamento; approxima-se e, oh! fatalidade! O que se lhe hade apresentar ante os olhos?... A sua adorada noiva casando-se com outro!...

Acto continuo, a repellar os cabellos, fulo de cholera, de ciume, de mil desencontrados sentimentos, atira-se para a rua, entra em seguida em uma loja de armas, compra uma faca e vae occultar-lhe a lamina inteira nas entranhas, quando alguém sustem-lhe o braço.

— Quem é o miseravel que quer continuar a chumbar-me ao cepto torturante da existencia?

— Eu, o Alfredo. Vem d'ahi e conversemos. Para estarmos mais á vontade entremos num restaurante. Bem; agora diz-me o que te levava ao suicidio.

Em duas palavras Ernesto conta-lhe tudo.

— Insensato! Pensas no suicidio, porque não conheces um delicioso maná, que nos faz anar a vida com o amor que o avarento vota aos seus thesouros. *Cerveja Einbeck* para dois.

— Mas que droga é esta? Isto, conduzirá por ventura á morte?

— Nada! Isto traz o esquecimento das maguas; dá alegria, appetite e saude de ferro. Behe e veras.

Esgotada a primeira garrafa, já Ernesto pensava, não mais em matar-se, mas, sim, em conquistar novas Beatrices. D'ahi por diante tornou-se o mais alegre dos companheiros. Tudo isto devido á efficacia da divina e corroborante *Einbeck*.

BARÃO RÉCLAME

CORREIO

— Sr. Carlos C. Aranjó Gondim. — Quer que sejamos frances? Não gostamos nada, mesmo nada, da poesia — Tijuca — que V. S. nos apresenta como sendo da lyra de José de Alencar. Se assim fosse, este parto litterario que, a bem da verdade devemos confessar que não é positivamente o que se chama um bom successo, não viria senão confirmar aquella conhecida phrase — da montanha que pario um rato! Pois mesmo o auctor das *Minas de Prata* e de tantas outras

joias de elevadissimo valor, ia lá dar-se ao trabalho improffico de produzir tão tacanha poesia? Ainda se não houvesse naquelle filho de paes incognitos um bracinho aleijado para comprovar que não da alta estirpe litteraria á que pertencia Alencar, mas sim da plebe baixa proveiu o pobre engeitado, eu não duvidaria da perflhação que lhe dá V. S.; mas tropego como se apresenta este pobre cotado, não posso deixar de pôr em duvida a sua procedencia. Aquillo tanto pode ser de Sanchó, como de Paulo, como de Martinho. Falta nelle o ar phisionomico, a nobresa de character de seu illustre pae. Entendo que publicar aquella poesia com a assignatura do «minente romancista, que por manietado pela friez do tumulo não poderá defender-se da auctoridade d'este aborto artistico, será lançar um salpico enodante no manto lenteoulado e fulgurante com que a fama e a gloria imperecivel lhe circumdaram as largas espaduas. Eis porque com grande sentimento deixamos de satisfazer o pedido do nosso estimavel assignante.

— Sr. Almeida. O Sr. sempre me ahio um malfasejo marca X! E' verdade! Ha creaturas neste mundo que têm com ras caninanas no lugar onde deveriam ter os bofes!... Cruzes! Perdoe-me a confiança e a franqueza, mas o senhor está no numero d'estes espantarrantes Ferrabrazes! Pois não é que o Sr. Almeida sae-se da dos seus cuidados para querer vir perturbir a imperial d'esta e mesmo arrancar um feixe das augustas barbas do pensador perpetuo do Brazil?... Ora isto dá-se? O diabo não come pimenta!

Ora o que pensam os meus leitores que diz lá nas suas — *Pretensões* o vate Almeida? que pergunta pela *chave* que eu te dei para guardar ou solta por ahi o *Pirrolito* que bate, que bate? Qual carapuças! Estão-se ninando!... Diz nada mais nada menos que isto (arripiam-se-me os cabellos!):

« Eu pretendia, embora para experiencia Que pusessemos á margem o Bragança! » Provavelmente para que, uma vez ahi, começasse o Bragança a cantar compungido, com tremiliqueiras na voz e languores na menina do olho:

« Estando eu na margem do rio. Chorando as minhas misérias... » Mas o que eu acho de um arrojio hymalnic e dynnamioso é isto d'elle chumar o Monarcha de Bragança!... assim sem mais ceremonias. Ora isto! O Bragança!... Como se dissesse para ahi: — o Manel da Boiça, o Jica Perreccão ou o Chico Pendurado! Meu bom amigo, será mais facil subir pelos arcos... já não direi o balão Julio Cezar, mas o proprio edificio da Candelaria, do que nós publicarmos o seu soneto nihilistico. Deixos nos defenda! Nada! que *A Semana* não é nenhum covil de conspiradores, de poetas imperitoricidas! E passe por lá muito bem.

— Sr. M. Pinto Neves. E' tão raro, mesmo tão raro recebermos poesias boas, que sentimos encontrar no seu soneto, que aliás não é máu, umas pequenas incorrecções metricas. Teriamos praser em dal-o na Collaboração, pois ha n'ella idéa, ligação, grammatica; está bem rimado e estão perfeitamente observadas as regras soneticas, emquanto á collocação das rimas; mas o que o prejudica é nada menos de dois versos errados com que nelle deparamos; são estes os: — 1º do segundo quarteto, e 2º do primeiro tercetto. Isto faz com que não o possamos publicar. Agora se o Sr. quizer dir-se ao trabalho de apperfeiçoal-o, não lereimos duvida em pol-o em letra redonda.

ENRICO

RECEBEMOS

— Da acreditadissima casa *Au Petit Journal*, dos Srs. H. Nicoud, & C. — *Revue Politique et litteraire*, ns. 1 a 11 do 6º anno (1886). Esta admiravel revista, em nada inferior á *Revue des deux mondes* ou á *Nouvelle Revue*, é indispensavel a quantos se interesse pelas Letras francezas. *Le salon de la Mode* e *Le Printemps* correspondentes aos dias 1 e 3 do corrente. De forma que o Sr. Nicoud realiza o milagre de distribuir aqui no dia 31 de março jornaes que hão de apparecer em Paris a 1 e 3... de Abril!

Decididamente este amabilissimo Mr. Nicoud é feiticeiro! Que actividade! que rapidez! Isto é que é um agente de jornaes... O mais são historias!

— *A Estocão* XV. anno. n. 6. Fulgurante como uma joia e digna sempre de figurar

nos boudoirs perfumados das damas galantes. Traz, engastada na parte litteraria, uma gemma finissima trabalhada por Alberto de Oliveira e que, sob a forma de soneto, tomou o nome de «Rio Azul». isto não fallando, alem de outras cousas, na chroniqueta sempre interessante de *Eloy o heroe*, e nos bellos figurinos que exhibe d'esta vez.

— *O Mequetrefe*, n. 403 Na primeira pagina o retrato do conhecido e estimado proprietario da alfaiataria *Estrella do Brazil*. Bons e engraçados desenhos. Texto—engraçado e bom.

— *Revista illustrada*, Anno XI, 429. O que traz de melhor, pondo de parte as suas sempre jocosas e bellas paginas de caricatura, é um fugitante soneto de Luiz Guimarães, já bastante conhecido.

— *Relatorio do anno social de 1885* apresentado á Assembléa geral dos socios, em 13 de Março de 1886, pelo Conselho administrativo. Associação Geral de auxilios mutuos da E. F. D. P. II.

— *Vozes livres*. Poesias de Chichorro Junior. Na secção «poesia e poetas» fallaremos d'este livro.

— *Revista dos novos*, publicação mensal; Director João Feliciano. Semestre II. Traz bons artigos litterarios e alguns versos bonitos. Parabens.

— «Gil Braz de Santilhana»—edictor David Corazzi—fasciculos ns. 21 e 25.

ANNUNCIOS

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-so de liquidarões amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e seu termo.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

J. M. Villas Bôas da Gama—dentista—extrahe dentes sem dôr. Muzambinho—Minas.

Augusto Luzi—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. Arthur Paoliello,—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muszmbinho—Minas.

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRITORIO

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EM PARIZ

REDACITOR—CHEFE: Lopes Trovão.

ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios na livraria LOMBAERTS & C.

EXTERNATO HEWITT

FUNDADO EM 1870

HORARIO DO MEZ DE ABRIL

CURSO PREPARATORIO

PROFESSORES	MATERIAS	HORAS	Lessons in Portuguese; lições de italiano e allemão
			PARA O ESTUDO DE INGLEZ
			<i>The Graduated English Reader</i> ou Estrada Suave, para o perfeito conhecimento da lingua ingleza, mediante excerptos escolhidos e gradativamente coordenados dos melhores auctores inglezes e norte-americanos, para uso de seus discipulos, por James E. Hewitt, com introdução litteraria pelo illustrado lente de inglez Alfred Alexander.
			EM CASA DO AUCTOR
			EM NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
			A' NOITE AULAS COMMERCIAES
			Lino Gomes..... Portuguez..... 6-7
			F. D. Mouren.... Francez..... 7-8
			James E. Hewitt. Inglez pratico... 7-8
			E. Gabalda..... Escripuração mercantile francez..... 7 1/2 ás 9
			Leitura, calligraphia e contabilidade
			O director, James E. Hewitt
Araujo Vianna.....	Rhethorica...	9-10	
Dr. F. Amarante....	Geographia..	10-11	
Dr. Corrêa do Lago.	Historia.....	10-11	
Araujo Vianna.....	Latim.....	11-12	
Dr. F. Amarante....	Historia.....	11-12	
João Nazareth.....	Curso annexo	11-12	
F. D. Mouren.....	Francez.....	11-12	
James E. Hewitt....	Inglez.....	12-1	
J. D. da S. Ramos...	Portuguez...	12-1	
Dr. Aquino Fonseca.	Philosophia..	12-1	
James E. Hewitt....	Inglez.....	1-2	
Dr. Z. de Oliveira..	Geometria...	1-2	
Dr. Aquino Fonseca.	Geographia..	1-2	
Bac. Ed. Benet.....	Francez.....	2-3	
Dr. Z. de Oliveira..	Aritmetica..	2-3	
Dr. Aquino Fonseca.	Historia.....	2-3	
Bac. Ed. Benet.....	Latim.....	3-4	
Dr. Z. de Oliveira..	Algebra.....	3-4	
João Nazareth.....	1º anno E. P.	6 7	

134 RUA DO ROSARIO 134

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA—DIRECÇÃO SCENICA

DO

ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 3 de Abril de 1886

GRANDE SUCCESSO

5ª representação da grandiosa peça sacra em quatro actos e oito quadros, toda ornada de musica, visualidades, tramoias, de Braz Martins, intitulada

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Scenarios, vestuarios e adereços tudo novo e deslumbrante. Coros a 30 vozes. Marchas e harmonias ensaiadas a capricho pelo maestro Celestino.

Numeroso pessoal de comparsaria sob a direcção do Sr. Basilio.

Toda a imprensa é unanime em elogiar o desempenho e o luxo com que acha-se montada esta peça.

PREÇOS — Camarôtes 6\$; ca leiras numeradas, 1\$; entradas geraes, 500 rs.

*Amanhã, domingo, 4 de Abril—Ao meio-dia

GRANDE MATINEE

Às 8 horas da noite

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

JONGO!

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria Castellões e no escriptorio d'A Semana,

POR

1\$500

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relógios.

67 Rua da Assembléa 67

João Baptista A. Marques

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA N. 31

DERBY-CLUB

GRANDE CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 4 DE ABRIL DE 1886

A'S 11 1/2 HORAS DA MANHÃ EM PONTO

PRIMEIRA CORRIDA DO ANNO

Primeiro pareo — INITIUM — Distancia 1.000 metros — Poldros e poldras nacionaes de 2 annos — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

N.º	NOME	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Guacho.....	Chita.....	2 annos	R. G. do Sul..	47 kilos	Preto e br. e bonet enc.e br.	A. M.
2	Remember.....	Castanho	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Reporter.....	Zaino.....	2 »	S. Paulo.....	47 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Catita.....	Castanho	2 »	R. de Janeiro.	47 »	Azul.....	F. Guimarães.

Segundo pareo — COSMOS—1.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra....	50 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	Charybides.....	Castanho	3 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Phryné.....	Idem.....	4 »	Idem.....	53 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Gladiador.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Setim br. e manchas violetas	M. U. Lemgruber.
5	Nauti.....	Zaino.....	5 »	Idem.....	55 »	» » » pretas.	Idem.
6	Swamp.....	Castanho	3 »	Idem.....	50 »	Branco e verde.....	C.
7	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.

Tercero pareo — PROGRESSO—1.450 metros. Cavallos e eguas nacionaes até meio sangue — Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Douro.....	Castanho	7 annos	R. de Janeiro.	54 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Peralta.....	Idem.....	3 »	Paraná.....	49 »	Preto e branco.....	C. P.
3	Catana.....	Douradilho..	3 »	S. Paulo.....	47 »	Encarnado e ouro.....	J. W.
4	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e crème.....	A. C.
5	Guanaco.....	Alazão tost..	7 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
6	Dinorah.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
7	Lucifer.....	Vermelho.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e palha.....	J. L.
8	Baiocco.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.

Quarto pareo — DERBY-CLUB — 1.450 metros — Inteiros e eguas nacionaes de puro ou meio sangue — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Sans-Souci.....	Castanho.....	5 annos	Minas Geraes	51 kilos	Azul e grénat.....	H. O.
2	Pery.....	Idem.....	6 »	S. Paulo.....	51 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
3	Sylvia II.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Idem idem.....	Idem.

Quinto pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Aurora.....	Alazão tost..	3 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
2	Dinorah.....	Castanho	3 »	R. de Janeiro.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
3	Diva.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Sybilla.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Eolo.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Idem, idem.....	Idem, idem.
6	Carmen.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e grénat.....	H. O.

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—1.609 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro e 250\$ ao segundo.

1	Bolívar.....	Castanho.....	6 annos	França.....	54 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Malstron.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	49 »	Havana e branco.....	Idem.
3	Taillefer.....	Zaino.....	5 »	França.....	54 »	Enc. e mangas azues claras	Coud. Americana.
4	Damietta.....	Castanho	5 »	Inglaterra....	52 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.
5	Creusa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

Setimo pareo—E. DE FERRO D. PEDRO II—1.000 metros—Cavallos e eguas de qualquer paiz, de menos de meio sangue—Premios: 250\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo.

1	Tufão.....	Castanho	2 annos	R. de Janeiro.	47 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Aymoré.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Verbena.....	Idem.....	3 »	R. de Janeiro	50 »	Ouro e faixa.....	Coud. Santa Cruz.
4	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	51 »	Azul e estr. encarnadas....	J. F. Vaz.
5	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e encarnado.....	Carlos Coutinho.
6	Savana.....	Castanho	4 »	R. G. do Sul..	53 »	Rosa e grenat.....	F. G.
7	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul, encarna lo e faixa....	J. C.
8	Zizaina.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Cereja, verde e amarello...	Rocha Maia
9	Pampeiro.....	Idem.....	2 »	R. G. do Sul..	47 »	Preto e encarnado.....	Joaquim A. da Silva.
10	Serodio.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

N. B. — Os animaes inscriptos no 1º pareo deverão achar-se no prado ás 11 horas,

A. CEZAR LOPES, 2º secretario